

QUARTO DE DESPEJO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA MULHER NEGRA DIANTE DA VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

*EVICTIION ROOM: A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE BLACK WOMEN
IN THE FACE OF VIOLENCE AND THE SOCIAL VULNERABILITY*

Evelise Hahne Ribeiro¹

Gustavo Angeli ²

Jeisa Benevenuti³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender a leitura psicanalítica da mulher negra diante da violência e vulnerabilidade social, utilizando como instrumento a obra literária “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. A autora, Maria Carolina de Jesus, foi umas das primeiras mulheres negras a publicar um livro que é um conjunto de diário pessoal e denúncia social acerca das desigualdades vivenciadas pela população. Como instrumento metodológico foi utilizada a Psicanálise extramuros que consiste em aplicar o método psicanalítico fora do contexto tradicional da clínica, analisando os efeitos da cultura e da sociedade na psique humana. A análise da obra entrelaça o conceito de ideal de ego como uma metapsicologia do racismo e o movimento de elaboração que autora realiza por meio da escrita. Para a Psicanálise a cultura propõe um ideal do eu branco, neste acordo cultural o negro nunca será reconhecido, tendo em vista que a sua imagem não está inclusa no ideal, o racismo se perpetua com essa inscrição de um ideal do eu Branco. Conclui-se que Carolina, ao escrever sua obra, recusou-se a ocupar um lugar de subalternidade que em sua condição era esperado, requerendo o direito de

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* evehahne@gmail.com

² Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* gustavoangeli@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br



construir a sua própria identidade, o seu diário rompe com o silenciamento imposto às mulheres e aos negros, promovendo reflexões e movendo as estruturas racistas da sociedade.

Palavras-chave: psicanálise; feminismo negro; Ideal do Eu; vulnerabilidade; violência.

ABSTRACT: *This article aims to understand the psychoanalytic reading of black women in the face of violence and social vulnerability, using as an instrument the literary work "Quarto de Despejo: diário de uma favelada" The author, Maria Carolina de Jesus, was one of the first black women to publish a book that is a set of personal journals and social denunciation about the inequalities experienced by the population. Extramural psychoanalysis was used as a methodological instrument, which consists of applying the psychoanalytic method outside the traditional context of the clinic, analyzing the effects of culture and society on the human psyche. The analysis of the work interweaves the concept of the ideal of ego as a metapsychology of racism and the elaboration movement that the author performs through writing. For Psychoanalysis, culture proposes an ideal of the white i, in this cultural agreement the negro will never be recognized considering that his image is not included in the ideal, racism is perpetuated with this.*

Keywords: psychoanalysis; black feminism; racism; vulnerability; violence.

1 INTRODUÇÃO

A cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro no Brasil⁴, a cada 4 minutos uma mulher é agredida⁵. Números que apontam uma violência endereçada,

⁴BRASIL. CPI: Assassinato de Jovens. 2016. p.1-155. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em: 1º jun. 2020.

⁵CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMANCIO, Thiago. Brasil Regista 1 caso de agressão contra mulher a cada 4 minutos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 set. 2019, cotidiano, p.1.



ela tem cor e gênero. Esses dados nos levam a questionar, como ficam as mulheres negras diante deste cenário de violência e vulnerabilidade? Elas são duplamente afetadas, ocupando um papel desfavorável na sociedade, não são nem homens, nem brancas.

Além dos números mencionados, que já seriam motivos suficientes para elaborar um artigo pensando no tema feminismo negro, as vivências do cotidiano que demonstram o racismo enraizado, a falta de conhecimento e o desprezo pelas conquistas feministas também nos atingem e produzem questões. Qual o nosso papel na qualidade de acadêmicos na discussão de temas relevantes e sociais? De que maneira podemos contribuir para que o debate ultrapasse os muros das Universidades e seja discutido pela comunidade?

A construção deste artigo é um desejo endereçado à transformação, uma aposta de que a escrita permeia uma abertura de diálogo na academia, e que o conhecimento obtido em nossa formação precisa, urgentemente, quebrar as barreiras de salas de aulas e retornar para a sociedade.

A obra da escritora Maria Carolina de Jesus (1914-1977), intitulada “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (1960) será utilizada no artigo como material de análise. A escolha do livro foi motivada pela necessidade de pôr em destaque o valor da mulher negra no contexto social. A análise da obra tem como sustentação a Psicanálise, considerando seu entendimento como uma estratégia de produção de conhecimento fundamentado na interpretação e uma intersecção com os saberes do feminismo negro.

O livro de Maria Carolina foi traduzido para 29 idiomas e vendeu mais de 100 mil exemplares, sendo ela umas das primeiras mulheres negras a publicar um livro. Todavia, as vendas não garantiram a visibilidade e o sucesso que era merecido. (OLIVEIRA, 2014). Carolina era uma mulher pobre, negra, favelada, mãe solteira de três filhos, que frequentou a escola por somente dois anos; no entanto, ela possuía um poder que a diferenciava dos demais moradores da favela: a escrita. Por meio de seu talento, denunciava as opressões sofridas na comunidade, construindo uma



crítica social que contrastava com as políticas de desenvolvimento do governo para a época. (QUADROS, 2018). Parafraseando a autora “*Não tenho força física, mas minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incictrizáveis*”. (JESUS, 1960, p. 43).

A autora realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade, a sua obra tocou em uma ferida muito conhecida até os dias atuais, a falsa democracia racial no Brasil, o “Mito da Democracia Racial.” (OLIVEIRA, 2014). Ainda hoje o silêncio e a invisibilidade marcam a trajetória das escritoras negras, afetando diretamente o alcance das obras, tendo em vista que as suas produções não se destacam nos círculos literários. (QUADROS, 2018).

No ano em que enfrentamos uma pandemia e assistimos a uma ascensão fascista da extrema direita, que tem por objetivo promover um genocídio das minorias, é necessário realizar o resgate de uma obra nacional com conteúdo crítico e atemporal, produzida por uma escritora negra, reconhecendo a sua trajetória e o seu valor, proporcionando a inserção do debate no campo social e dessa maneira, promover a transformação da nossa realidade.

O artigo tem como objetivo compreender a leitura psicanalítica da mulher negra diante da violência e vulnerabilidade social, utilizando como instrumento a obra literária “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. O artigo se fundamenta na problematização sobre a leitura psicanalítica da mulher negra perante a violência e vulnerabilidade. O feminismo negro, diante de uma herança colonial de escravidão, de patriarcado e de classe, tem em suas contribuições teóricas à busca por romper com a invisibilidade da realidade da mulher negra. (RIBEIRO, 2016).

A Psicanálise, por sua vez, é um saber e uma prática que concerne a vivência do inconsciente, sendo a sua estrutura de ordem subversiva, perturbadora e destrutiva. (FIGUEIREDO, 2001). Utilizando esses saberes como base para análise da obra, partilhamos do desejo de que, por meio de discussões, a sociedade elabore novos marcos civilizatórios.



Dessa forma, o desenvolvimento e construção do primeiro tópico deste artigo aponta um recorte histórico acerca do feminismo, o segundo disserta sobre a relevância social do feminismo negro e o terceiro tópico apresenta discussões sobre a Psicanálise extra muros, utilizada como instrumento metodológico de estudo da obra. O último tópico se refere à análise do “Quarto de despejo-diário de uma favelada”, entrelaçando conceitos psicanalíticos com articulações teóricas sobre a subjetividade da mulher negra.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO E SUAS LUTAS

“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes delas sejam diferentes das minhas”
(LORDE, 2007, p. 132-133).

O feminismo pode ser descrito como o reconhecimento coletivo das mulheres acerca das opressões e explorações provenientes do sistema patriarcal que as mobiliza na luta pela liberdade de seu sexo e de transformações sociais necessárias para tal. O feminismo se articula com a filosofia política e os movimentos sociais. (GARCIA, 2015). A primeira onda do movimento feminista ocorreu no final do século XIX, na Inglaterra, as mulheres se organizaram para lutar pelo direito ao voto. Realizaram manifestações, foram presas inúmeras vezes, fizeram greve de fome, sendo denominadas como as “sufragetes”. Em 1918, finalmente elas conquistaram o direito ao voto no Reino Unido. (PINTO, 2010).

No Brasil, a primeira onda estava do mesmo modo, relacionado ao direito de votar e foi liderado pela feminista Bertha Luz, bióloga e cientista, ela fundou a Federação Brasileira pelo progresso feminino que apresentou em 1927, um abaixo-assinado ao Senado solicitando a aprovação do projeto de lei que dava direito ao



voto feminino. A façanha ocorreu apenas em 1932, quando foi promulgado no novo código eleitoral brasileiro. (PINTO, 2010).

A primeira onda do feminismo era “bem-comportada”, ou seja, não questionava a opressão da mulher e estava fundamentado no conservadorismo. A segunda onda do feminismo, no entanto, era de caráter mais reacionário, reunindo mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias. Entre as pautas discutidas estavam temas como: educação, sexualidade, divórcio e a dominação dos homens sobre as mulheres. (GARCIA, 2015). A década de 1960 também apresentou ao mundo a pílula anticoncepcional, ampliando a luta do movimento feminista para além de espaço político e social, elas buscam uma nova forma de se relacionar com os homens, desejavam a liberdade para suas vidas e seus corpos. (ALVES, 2013)

Na década de 1970, na Europa e nos EUA, os ventos progressistas sopravam a favor de movimentos libertários da terceira onda do feminismo, em 1975 é declarado o ano Internacional da Mulher pela ONU. No Brasil, o grupo de mulheres lutava em prol do movimento feminista e também contra a ditadura militar. Em 1980, com a redemocratização do Brasil, o movimento feminista se aproxima dos movimentos sociais e passa a agregar temas como: violência, sexualidade, direito a terra, a saúde materno-infantil e a luta contra o racismo. Esse fato permitiu maior adesão das classes populares ao feminismo, que até aquele momento, estava voltado para uma classe média intelectualizada. A década de 1990 foi mobilizada na defesa da mulher contra a violência doméstica, as Organizações Não Governamentais (ONGs) atuavam de forma efetiva no Estado com intuito de aprovar medidas protetoras às mulheres e obter uma participação política mais incisiva. (PINTO, 2010).



2.2 A RELEVÂNCIA SOCIAL DO FEMINISMO NEGRO

Acompanhamos um breve resumo sobre as lutas das mulheres na conquista de seus direitos no decorrer dos tempos. O movimento feminista inicialmente era destinado à classe média e intelectual. No Brasil, conforme citado, somente nos anos 80 teve uma aproximação mais enfática junto às camadas populares. O percurso histórico do feminismo nos leva a questionar onde se posicionam as mulheres negras dentro do movimento? O feminismo abrangeu a luta de todas as mulheres em seus momentos históricos? Para a autora Hooks (2019), as mulheres negras foram silenciadas. Esse silêncio era fruto de uma socialização racista e sexista que desvalorizada a feminilidade da mulher negra. Elas acreditavam que o racismo era a única opressão a ser combatida e por meio dessa libertação, finalmente estariam livres.

No século XIX, nos Estados Unidos da América, as mulheres negras se encontram em meio a um grande dilema, os homens negros lutavam pelo direito ao voto do mesmo modo que as mulheres brancas de classe média. Nenhum desses movimentos estava lutando por direitos que representasse também as mulheres negras. Aliando-se aos homens estariam endossando o sistema patriarcal no qual não teriam voz. Caso optassem por se juntar à luta feminina das mulheres brancas, não seriam ouvidas da mesma forma e representaria certa condescendência com o racismo velado da época. (LE MOS, 2016). É importante contextualizar que o período de escravidão Americana resultou na produção de grandes mitos em torno da mulher negra. O primeiro estava relacionado à “masculinização”. (HOOKS, 2019).

O trabalho escravo retirou o conceito de feminilidade das mulheres negras que proporcionalmente sempre trabalharam mais fora de casa do que as brancas. Como escravas elas trabalhavam em períodos integrais para seus donos, não restando tempo suficiente para se dedicarem ao papel de mães, esposas e donas de casa. Levando em consideração que no período do século XIX, a feminilidade



estava associada às mulheres que eram dóceis e se dedicavam aos cuidados da casa e do marido de forma absoluta, as mulheres negras eram vistas como animais. (DAVIS, 2016).

O segundo mito construído pela supremacia branca foi a sexualização da mulher negra. Os estupros eram justificados pelos homens brancos como consequência de uma “sedução” por parte das mulheres. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018). Para Hooks (2019) a exploração sexual era o resultado do ódio masculino às mulheres no qual predominava uma política antimulher na América Colonial e patriarcal. Sem leis de proteção ou apoio da opinião pública as mulheres negras se tornavam alvos fáceis.

Elas eram vistas como permissíveis e disponíveis tanto para brancos como para os negros, o mito da mulher negra sexualmente selvagem tem sua origem no sistema escravagista, sendo selvagens, na o eram humanas e poderiam ser violadas. O racismo determinou a escravidão do povo negro, o sexismo selou o destino das mulheres negras de forma mais brutal que os homens escravizados. (HOOKS, 2019). No período pós-abolição o legado do racismo permanência naturalizado e institucionalizado na sociedade, as mulheres negras foram destinadas a serviços domésticos e na lavoura, conseqüentemente, desabrocha o terceiro mito que transforma a mulher negra na figura materna. Na tentativa de retirar o estigma sexual elas tentavam provar seu compromisso com a família e a maternidade. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

A prova de amor aos filhos era o autossacrifício, ou seja, trabalhar incansavelmente em subempregos para garantir um futuro melhor. Dialogando com a obra de Maria Carolina, encontramos a mulher negra e periférica catando lixo noite e dia para receber as suas moedas e alimentar os seus filhos. É possível compreender que após dois séculos esses mitos ainda fazem parte da constituição subjetiva das mulheres negras. (JESUS, 2019)

Sojourner Truth, ex-escrava, surge no século XIX, representados(?) às mulheres negras e rompendo com anos de silêncio. Em uma assembleia composta



por homens e mulheres brancas mostrou seu seio para provar que, de fato era uma mulher, e proferiu seu emblemático discurso que ficou conhecido como “Eu não sou uma mulher?”:

Aquele homem ali diz que mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens e a passar por uma poça de lama e a ter o melhor lugar onde quer que esteja. Ninguém nunca me ajuda a entrar em carruagens, ou a passar por poças de lama, ou me dá qualquer melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! Eu lavrei e plantei e ceifei nos celeiros e nenhum homem podia me ajudar! E não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar mais e comer mais do que um homem – quando pudesse ter comida – e suportar o chicote também! E não sou eu uma mulher? Eu pari treze crianças, e vi a maior parte delas ser vendida para a escravidão, e quando eu gritava minha dor de mãe, ninguém me ouvia, a não ser Jesus! E não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851 *apud* VEIGA, 2020, p. 14).

Interessante pensar que o movimento do feminismo negro no Brasil e nos Estados Unidos promoveu esse olhar multidimensional para as muitas realidades sociais vivenciadas pelas mulheres, transformando denúncias em ações concretas e por meio de um diálogo constante com a atualidade tem determinado em sua luta a melhora de vida dessas mulheres. (LEMOS, 2014).

No Brasil existem poucas obras que descrevem o impacto da escravidão na construção histórica da mulher negra. Para compreendermos é necessário beber da fonte americana, dado que demonstra uma falta de lugar e de fala da mulher brasileira. Os historiadores e sociólogos se preocuparam em escrever na literatura o resultado de anos sob um regime escravocrata para o povo negro, como se ele fosse representado apenas pelos homens. A ausência de recortes de gênero e classe em pesquisas sobre violência e vulnerabilidade impossibilita o reconhecimento das desigualdades sociais vivenciados pelas mulheres negras. (CONCEIÇÃO; MORA, 2020).

Para Mendes (2020) ao não falarmos da realidade vivenciada pela mulher negra estamos negando a ela o direito à visibilidade e à existência, solidificando ainda mais o discurso de violência. No Brasil, historicamente os registros de reflexões sobre as particularidades da mulher negra escrita por mulheres negras aparecem entre 1945 e 1964, e já contavam com a convergência entre os temas de



raça, classe e gênero, antecipando reflexões acerca do que, posteriormente, seria nomeado como intersecção. (LEMOS, 2014).

No contexto brasileiro não é possível argumentar sobre um desenvolvimento igualitário e amplo da população negra. Foram séculos de escravidão, e o período pós-abolição não foi acompanhado de políticas públicas de integração social, equidade e acesso aos direitos básicos. A escravidão teve um fim no sentido jurídico, no entanto, a ideologia racista permanece com as desigualdades sociais. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013).

Utilizando o recorte de gênero, compreendemos que o Brasil institui as mulheres negras violências e vulnerabilidades concebidas no período da escravidão, por meio da violência sexual, desvalorização social diante de um padrão estético hegemonicamente branco e o estigma da erotização e objetificação sexual que dificulta a carreira profissional e os relacionamentos afetivos. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013). Para Schumacher e Vital Brasil (2007) as mulheres negras ocupam a base da pirâmide de poder social no Brasil, estando abaixo dos homens negros, que, por sua vez, são superados pelas mulheres brancas e ocupando o lugar de maior privilégio, está o homem branco.

Foi retirado da mulher negra o direito de contar a sua própria história, de ser dono do seu corpo, de sentir prazer, de ter o seu lugar de fala. Retiraram sua humanidade tratando-as de forma animalésca e sem dúvida, essa é uma das expressões máximas de violência que se pode cometer. (MENDES, 2020). Conhecer a sua história, suas raízes são de suma importância para que as mulheres negras construam as suas identidades como seres humanos, elaborem os mitos em torno de sua história e atinjam uma consciência racial politizada e saudável. (PRESTES; VASCONCELOS, 2013).



3. METODOLOGIA

Os textos literários exercem um encantamento sobre a psicanálise, a construção do discurso no contexto clínico coincide com a formação de uma obra literária. (MARZAGÃO; RIBEIRO; BELO, 2012). Freud utilizou o diálogo com a literatura para elaboração de sua obra por meio de autores, tais como: Shakespeare, Dostoievski, Goethe e Sófocles, para além de um campo passível de verificação das hipóteses teóricas, as obras literárias são um modelo de discurso. (MORAES, 2012)

“As palavras, como as abelhas têm mel e ferrão”. (PEREIRA, PROCHNO 2018, p. 2). Em todas as demonstrações sociais encontramos marcas da linguagem em razão de que ela é constituinte do homem. (TODOROV, 2006). O precursor da Psicanálise não se deteve na análise somente de seus pacientes, ampliou a utilização do método psicanalítico para analisar obras de arte, a cultura, sociedade e seus efeitos na psique humana. (MEZAN, 1985).

Em seu texto “Psicologia das massas e Análise do eu” (FREUD, 1921/1976, p. 67) afirmou que “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social”. Considerando essas concepções, a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” será analisada com base na Psicanálise aplicada, igualmente denominada como extramuros, que consiste em aplicar o método psicanalítico fora do contexto tradicional da clínica. (KOBORI, 2013).

O termo psicanálise aplicado causa divergência de entendimentos entre os analistas pós-freudianos. A problematização ocorre devido à compreensão, que posicionada neste termo, a Psicanálise é um saber pronto que unicamente será aplicada em outros setores de conhecimento humano, desvirtuando-se de sua origem cujo método contém um valor heurístico, que se ampara na descoberta ou investigação dos fatos. (KOBORI, 2013).

Laplanche (1987) substituiu o conceito de Psicanálise aplicada por extramuros, mantêm-se as suposições metodológicas da Psicanálise clínica, seus



métodos e teorias agora aplicados fora do consultório, evitando desse modo, um conceito de ciência. Já para Herrmann (2001), a psicanálise aplicada seria como a clínica extensa, estendendo as especificidades investigativas e metodológicas da clínica para sociedade e cultura. O autor Mezan (1988, p. 62) corrobora com os analistas ao afirmar “ser inadmissível falar-se em Psicanálise aplicada para designar esse tipo de trabalho”.

A cultura é suscetível a investigações de hipóteses conceituais devido ao seu caráter universal que reverbera na psique humana. Freud possuía uma aproximação cultural com obras clássicas e realizou uma análise minuciosa do texto *Delírios e sonhos na Gradiva* de Jensen (1906-1908/1976), representando o início da Psicanálise aplicada em outros campos para além da clínica. (KOBORI, 2013.). A esse propósito, Mezan (1988, p.61) reitera que “a psicanálise sustenta que tudo o que é humano traz a marca do inconsciente e é, portanto, da sua alçada”.

Os escritos clínicos e teóricos eram acompanhados, na medida do possível, da mitologia, obras literárias e estudos relacionados à antropologia como modelo de exemplificação para facilitar a compreensão dos conceitos e corroborar seus argumentos que enfrentavam a desconfiança e oposição da psicanálise no meio científico da época. Freud pretendia que a psicanálise como ciência atingisse outras instâncias do saber. (MEZAN, 1985). Tanto a análise clínica quanto da cultura ocorre somente por intermédio do método psicanalítico, um dispositivo substancial, uma lente que modifica a percepção do mundo e proporciona desvelar um novo saber sobre o objeto de estudo. (KOBORI, 2013).

Com base na observação investigativa e atenção flutuante o analista procura um sentido latente na obra. O conteúdo presente no objeto de análise repercute de maneira inconsciente no autor e no destinatário, ou seja, com base na emoção do analista ao ler a obra, torna-se plausível a reconstrução do processo criativo. O analista realiza as associações fomentadas pela obra, da forma como ela o atinge emocionalmente, mesmo sem as associações do autor é possível chegar à interpretação do conteúdo. (MEZAN, 1985). O método de associação livre



consiste na expressão de pensamentos que irrompem a mente por meio de um elemento ou de forma espontânea. (FREUD, 1900/1976). O analista associa esses conteúdos elaborando hipóteses que apresentam algum sentido ante a emoção contida nessas representações. Nesse sentido, a obra analisada fornece o material para ser associada pelo analista, à medida que na clínica tradicional o paciente é a própria associação livre. (KOBORI, 2013).

Considerando que a obra analisada neste artigo é a representação da vida de uma mulher negra e periférica, a clínica extramuros tem uma prática psicanalítica clínico política, nas palavras da autora Rosa (*et al.*, 2009, p. 497), “campo epistemológico ético e político que leva em conta as especificidades dos sujeitos e as vicissitudes de seus processos em contextos de exclusão e violência”. Para Braga (2015) não é possível falar de uma clínica sem ser social, tendo em vista que a política concerne à vida subjetiva e à singularidade de cada sujeito experimentada no campo das relações sociais. Nas palavras de Lacan (1966/1967, p. 93), “Não digo a política é o inconsciente, simplesmente: o inconsciente é a política”.

No que diz respeito à obra analisada neste artigo é preciso levar em consideração o Outro sócio-histórico com a colaboração dos saberes da sociologia e do feminismo negro para localizar o sujeito nessa trama, que inclui relações afetivas e hábitos cotidianos. Sendo necessário do mesmo modo, situar o momento histórico que vivenciamos e no qual os nossos antepassados viveram, as memórias produzidas e no caso das mulheres negras, as memórias silenciadas. (BRAGA, 2015). O desejo é resgatar a voz de uma obra tão impactante para que a história não seja contada somente pelos “vencedores”, a memória do passado permite libertar outras possibilidades de atuação em nosso presente que não seja o silêncio ou a invisibilidade da população negra. (GAGNEBIN, 2011).



4. ANÁLISE

A obra de Maria Carolina de Jesus intitulada “Quarto de Despejo” foi lançada em 1960, após ser descoberta por um jornalista, Audálio Dantas, que realizava uma reportagem na favela e ficou intrigado com Carolina discutindo com os demais moradores e argumentando que iria denunciá-los em seu livro. (BACARAT, 2006).

A obra era um conjunto de diário pessoal e denúncia social acerca das desigualdades sociais, democracia racial, surgimento das favelas, a ineficácia das políticas públicas, preconceitos e as consequências subsequentes à escravidão, principalmente para as mulheres negras. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015).

O livro teve uma repercussão nacional, pois nesse período se iniciava as discussões sobre a problemática das favelas, no entanto, ironicamente o sucesso internacional foi muito maior, o livro se tornou um *best-seller*, traduzido em mais de 29 idiomas. No Brasil, Carolina vivenciou um reconhecimento temporário, no período da ditadura suas denúncias sociais não eram bem-vistas e logo a autora retornou para o anonimato. Carolina nasceu em 1914, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Seu pai era um homem boêmio, portanto, sua mãe era quem cuidava dela e provia a família. Estudou por apenas dois anos, constituindo toda a educação formal que possuía, abandonou os estudos para contribuir com o sustento da casa. Anos depois, Carolina migrou para São Paulo e passou a residir na favela do Canindé, trabalhou inicialmente como empregada doméstica e, posteriormente, como catadora de papel, teve três filhos, cada um de um homem diferente, nunca se casou. Adquiriu o hábito de escrever o seu cotidiano nos cadernos que encontrava no lixo. (BACARAT, 2006).

Resgatar a história de Carolina é de extrema importância, o seu texto dá voz e nos permite conhecer a experiência da exclusão por meio do próprio sujeito excluído. A escrita permite às mulheres negras reafirmam suas identidades e



romper com os paradigmas que as marginalizam e as põem em posições subalternas. (SILVA; BARBOSA 2018).

Este artigo pretende analisar a obra sob a ótica psicanalítica, entrelaçando o conceito de ideal do Eu como uma metapsicologia do racismo e o movimento de elaboração que autora realiza por meio da escrita. Cabe ressaltar que o intuito do trabalho é dar voz à Carolina e por respeito à obra suas falas serão reproduzidas fielmente, mantendo a grafia e acentuação nela utilizada, em sua simplicidade e genialidade ela se faz entender.

Para Psicanálise todos nós buscamos um ideal do Eu, a expressão foi utilizada por Freud na inauguração da segunda tópica e diz respeito à instância da psíquica decorrente do encontro entre a identificação com os pais ou cuidadores e os ideais coletivos, em suma, o ideal do Eu cria um modelo à qual o sujeito deve se submeter. (LAPLANCHE, 1988). O Eu realiza um jogo de conciliação entre as exigências instintivas do Isso e o mundo externo, baseado nas leis que nos constituem por meio do supereu. (FREUD, 1925/1976).

Concomitante a isso, ocorre o processo de identificação, internalizamos referências externas, assimilando particularidades do outro e integramos ao Eu, desejando ser como o outro. Como sujeitos precisamos de um modelo de identificação, o Ideal do Eu, que está intrinsecamente vinculado com a lei e a ordem que são estabelecidas pela cultura e percebidas simbolicamente, nos constituindo psiquicamente. (FREUD, 1925/1976). É fácil lembrar as crianças que, por meio de suas brincadeiras, constroem a fantasia do seu Ideal do Eu e demonstram o desejo de ser quem elas acreditam que o outro gostaria que fossem atendendo a imagem que o outro passou como ideal. Dito isso, compreendemos que socialmente o Ideal do Eu é inacessível para todos nós. (SOUZA, 1983).

Entretanto, a cultura propõe um ideal do Eu branco, nesse acordo cultural o negro nunca será reconhecido, tendo em vista que a sua imagem não está inclusa no ideal, logo, se o Eu não é reconhecido não consegue voltar esse reconhecimento para si. (SOUZA, 1983). O racismo se perpetua com essa inscrição de um ideal do



Eu Branco. Culturalmente, o branco é o lugar de referência que todos nós devemos buscar. Nesse ponto, é necessário realizar uma observação, todos os sujeitos não psicóticos se relacionam com o Ideal do Eu, vivendo as tensões e insatisfações entre o Ideal e o Supereu. No entanto, em uma sociedade racista, o negro vivencia de forma mais intensa essa insatisfação. (PEIXOTO, 2017).

As imagens se contrapõem, os brancos carregam a beleza e a inteligência, os negros a feiura e a selvageria. Para Fanon (2008), o negro quer ser reconhecido como humano, mas o humano é branco, então a resposta lógica seria tentar pôr todas as vias se tornar branco. O autor argumenta que para o negro não existe a possibilidade da descoberta da sua história, o homem branco definiu o que é ser negro antes de os próprios negros. E se a definição está em mãos do imaginário branco, a imagem criada é de que o negro não tem valor.

Esse desejo de branqueamento pode ser lido como um sintoma, uma tentativa de integração do negro. (BRAGA, 2015). A escravidão retirou a humanização dos negros os legitimando como objetos e alienou o corpo social, único caminho possível para se constituir como sujeito. No período pós-abolição, a condição de cidadão foi estendida aos negros juridicamente, mas se inscrever nesse lugar social que nunca foi permitido é uma tarefa árdua. (NOGUEIRA, 1999).

No Brasil, as práticas racistas são numerosas e produzidas institucionalmente e cotidianamente. Carolina narra uma situação vivenciada em um elevador quando foi chamada para buscar papéis que iam lhe auxiliar no sustento dos filhos:

No sexto andar o senhor penetrou no elevador e olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não me entristeço. Quis saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dando-me uns jornais. Esse era o motivo da minha presença no elevador. [...] O homem estava bem-vestido. Eu estava descalça. Não estava em condições de andar no elevador. (JESUS, 2019, p. 111).

O corpo negro representa a marca da exclusão que produz a experiência de sofrer no próprio corpo, essas vivências definem as especificidades na constituição da dimensão psíquica, caracterizando a condição subjetiva do negro.



(NOGUEIRA, 1999). Em vários momentos da narrativa é possível compreender a condição subalternizada vivida pelos negros, em um dos trechos da obra, uma criança diz para Carolina que queria ser seu filho e ela responde-lhe que para isso ele precisava ser negro, a afirmação deixa subtendido que era inconcebível a possibilidade de ele escolher ser negro por vontade própria. (JESUS, 2019).

Em outra passagem do Quarto de Despejo, Carolina se refere a uma moça como uma “pretinha limpinha”, que se distingue dos pretos por ter atitudes diferentes: “A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois”. (JESUS, 2019, p. 67).

Por meio dessas alegações é possível compreender que para o discurso da época, causava uma estranheza uma mulher negra ser limpa e almejar uma melhor condição social. O racismo se manifesta como um campo ideológico que violenta o sujeito, negando a sua condição diante da relação com o outro. A desigualdade social está implicada no preconceito que impossibilita o negro de ocupar os espaços sociais e instituições de poder na sociedade brasileira. (BARRETO; CECCARELLI, 2018).

A obra de Carolina apresenta um hiato nas passagens do tempo, dando a entender que Carolina não conseguia escrever com a frequência que desejava. Desde o início ela deixa registrado o seu descontentamento com o local que morava, não se identificando com os favelados, a esse respeito ela afirma “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (JESUS, 2019, p. 32). Em outro momento, Carolina menciona que pessoas quando visitavam o Canindé diziam: “Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto Aqui é o chiqueiro de São Paulo” (*ibid*, 2019, p. 35).

Era dessa forma que Carolina se sentia, quando estava na favela se comparava a um objeto que não tem valor, fora de uso e merecedora de estar no quarto de despejo. É interessante resgatar neste ponto que a favela era composta,



em sua maioria, por negros retintos e não retintos. Essa falta de identificação de Carolina com os demais não deve ser julgada, e sim compreendida como um dos sintomas psíquicos de um ideal do eu embranquecido, “porque negro é a nossa vida, negro é tudo que nos rodeia”. (JESUS, 2019, p.43).

Em um outro trecho do diário ela declara: “eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondiam-me: é uma pena você ser preta.” (JESUS, 2019, p.64). É possível compreender que para a sociedade o trabalho do negro não tem valor. Em outro momento, Carolina faz referência à fome, que está intrinsecamente relacionada à sua história. “Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome”. (*ibid*, 2019, p. 44). O destino do negro já nasce dado, se referindo à impossibilidade de o negro escrever a sua própria história. O racismo atua de forma sistemática, Carolina sofria e manifestava preconceitos contra os moradores da favela, principalmente os que migram do Nordeste.

Às vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças, no começo são educadas, amáveis, dias depois usam o calão, são soazes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (JESUS, 2019, p.38).

Considerando que o processo de identificação propõe um ideal do Eu branco, reconhecer-se como negro significava se identificar com algo negativo, que culturalmente era entendido como ruim. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015).

Em uma das passagens mais emblemáticas de sua obra, Carolina se pergunta se no céu há favela, “[...] será que lá existe favela? e se lá existir favela será que quando eu morrer eu vou morar na favela?”. (JESUS, 2019, p.50). Demonstrando que subjetivamente, ela associava o fato de ser uma mulher negra e pobre a um papel marcado de marginalidade e subalternidade, como se não fosse possível seu corpo negro habitar outro lugar que não fosse o quarto de despejo. (JESUS, 2019).

Posteriormente, Carolina vai anunciando em seus escritos uma mudança, surge um reconhecimento de si, uma identificação como mulher negra e uma



consciência social de ser uma mulher negra no mundo dos brancos. (ALMEIDA; ARCANJO, 2015). Ela reafirma sua identidade dizendo:

Eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais inducado do que o cabelo branco. Porque o cabelo de preto onde põe ele fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2019, p.64).

Carolina utiliza a escrita como arma para denunciar a vulnerabilidade social e uma forma de amparo diante da violência psíquica, ou seja, a literatura possibilitou um lugar de tradução, ao escrever a sua história, ela deixa de habitar simbolicamente esse lugar que não tem valor. A linguagem literária é um auxílio simbólico perante o intraduzível do trauma⁶. Quando o trauma se encontra com a arte ocorre uma relação entre a ferida psíquica e a significação. (RODRIGUES; MARTINEZ, 2014).

A escrita é uma denúncia contra os sistemas de opressões que se perpetuaram ao longa da história, ao transportar seu cotidiano para o papel as lembranças, revoltas, sentimentos e desejos não ficam apenas na memória. A escrita de Carolina é um ato de resistência e coragem por se introduzir em um espaço habitado somente pelo homem branco. É uma resignificação, retirar a mulher preta da senzala e do quarto de despejo, convidando-a para ocupar o “palácio” e ser a protagonista da sua própria narrativa. (FERREIRA, 2018).

O autor Domício Proença Filho (2004 *apud* SILVA, 2018) reflete sobre a trajetória do negro na literatura brasileira, pontuando a diferença entre negro-tema e negro-vida, o primeiro é utilizado como objeto de estudo descrito pelo outro de forma estereotipada e distante da realidade, o negro-vida em contrapartida, seria aquele que é protagonista, que produz o seu próprio discurso, em outras palavras, é o sujeito da história. (SILVA, 2018).

⁶ Acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica.



A simplicidade na escrita de Carolina é um dos fatores que mais contribuíram para o seu sucesso e na mesma medida, para seu anonimato. A autora não foi reconhecida como uma das grandes escritoras do século XX, devido à sua grafia não se enquadrar na norma “cultura”. Para Ferreira (2018, p.37) “[...] na maioria das vezes, se perdia na grafia correta das palavras, mas as encontrava no momento de dizê-las”.

Carolina escrevia em prol daqueles que vivenciam um cotidiano de violência e vulnerabilidade e para si própria, a escrita era uma maneira de manifestar suas angústias. O ato de mulheres negras escreverem para si é um movimento de (re)encontro, reconhecimento e superação. (FERREIRA, 2018).

No quarto de despejo a autora metaforizou a violência, traduzindo em palavras a dor provocada pelo fome, “[...] Isso não pode ser real num país fértil igual ao meu”. (JESUS, 2019, p. 40). Segue dizendo: “é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer” (*ibid*, p. 61). Para a autora, “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”. (*ibid*, p. 30). Apesar de as mazelas e da dura realidade ela se denominava como uma escritora e poetisa, em um trecho do livro ela alega: “[...] os políticos sabe que sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (*ibid*, p.39). Reafirmando o seu compromisso em denunciar a vulnerabilidade social que os moradores da favela vivenciavam.

É tocante ler a obra e compreender que aquela mulher negra, semialfabetizada, que trabalhava exaustivamente para prover os filhos, encontrava na escrita e na leitura o seu refúgio, a imaginação a transportava para um mundo no qual era possível habitar outro lugar que não fosse o quarto de despejo. “é preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela. As horas que sou feliz é quando estou residindo no meu castelo imaginário”. (JESUS, 2019, p. 58).

Carolina é a representação de várias “outras”, mulher, negra, pobre, favelada, recusou-se a ocupar um lugar de subalternidade que em sua condição era



esperado, requerendo o direito de construir a sua própria identidade. Ela sempre foi diferente e, portanto, incompreendida e rejeitada. (SILVESTRE, 2006).

Diante das tragédias sociais, Carolina conseguia enxergar a beleza nas paisagens de São Paulo, nos sorrisos das crianças e no amor que sentia pelos filhos. A escrita era uma possibilidade de existência, nas palavras da autora: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário”. (JESUS, 2019, p. 72).

Para Chiziane (2013, p. 11 -12) “muitas pessoas acreditavam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo”. Ao se definir como escritora Carolina rompe com o silenciamento imposto às mulheres e aos negros. Ela deu voz aos “despejados” lançando luz sob a desigualdade social do país, a sua obra não termina com o fim desta análise, ela continua viva na memória e no cotidiano de milhões de brasileiros que ainda habitam de forma física e psíquica o quarto de despejo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caminho que permeia a graduação e a construção de uma clínica ético-política, o tema da conclusão de curso não poderia ser diferente daquele que se propõe a levantar o debate acerca das questões raciais, femininas e de classe. A obra de Carolina é atemporal, após o término da leitura compreendemos que a história não tem um fim, ela se repete diariamente em todos os cantos do país. Em um ano marcado por uma pandemia que escancara a desigualdade social e sob protestos do *Black Lives Matter*, discutir dentro da academia um tema com cunho social que dá voz e devolve o protagonismo a uma mulher negra cujo trabalho é de extrema relevância social se torna uma grande responsabilidade, mas acima de tudo, uma honra.



Carolina nos ensina por meio de sua obra que a consciência social não se encontra somente dentro dos muros da universidade, parafraseando o rapper Emicida, “Não confunda diploma com vivência e visão”. A graduação é sem dúvida imprescindível na formação de qualquer profissional, no entanto é necessário, principalmente, em se tratando da psicologia, que o debate ultrapasse as estruturas físicas da universidade, e o discurso acadêmico chegue à comunidade como uma possibilidade de promover o conhecimento e empoderamento em vez de reproduzir normas racistas e excludentes.

É notável o apagamento histórico da obra e vida de Maria Carolina, somente nos últimos anos houve um resgate e estudo sobre a riqueza de seus trabalhos, esse descaso da academia é observado também com mulheres negras intelectualizadas, dentre elas, Neuza Santos, Virgínia Bicudo e Lélia Gonzalez. O que essas mulheres têm em comum? Levantaram questões sobre a própria cor e o mal-estar de viver no mundo dos brancos. Mulheres pretas que escrevem e promovem reflexões, incomodam e movem as estruturas racistas da sociedade. A aposta endereçada a esse trabalho é reconhecer e reverenciar a obra de Maria Carolina, inserindo o debate sobre as mulheres negras dentro do discurso acadêmico, que suas histórias sejam vistas e reproduzidas para além da dor e do sofrimento, como potência e resistência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sheyla; ARCANJO, Juscélio Alves. Mais que uma vida, uma obra: Carolina Maria De Jesus, mulher, escritora negra, Brasileira. *In*: ANPUH, 2015, Pernambuco. **Anais [...]** Pernambuco, SNH, 2015. p.1-11. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/pe/anais/caravana/01/28.JESUS,%20Carolina%20Maria.pdf>. Acesso em: 1º out. 2020.



ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social**, v. 4, p. 113-121, 2013.

BARACAT, Juliana. Carolina e seu ideal de eu. **BALEIA NA REDE**, v. 1, n. 3, 2006.

BRAGA, Ana Paula Musatti. **Os muitos nomes de Silvana: Contribuições clínicas-políticas da Psicanálise sobre mulheres negras**. 2015. 288 f. Tese (Doutorado em Psicologia- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015).

BRASIL. CPI: Assassinato de Jovens. 2016. p.1-155. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>. Acesso em: 1º jun. 2020.

BARRETO, Robenilson; CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. **Estudos de Psicanálise**, n. 50, p. 145-154, jul/dez. 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Eu mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CONCEIÇÃO, Carolina Silveira da MORA, Claudia Mercedes. “Respeito é bom e eu gosto”: trajetórias de vida de mulheres negras assistidas por um Centro Especializado de Atendimento à Mulher em Situação de Violência na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n.7, p.1-12, set/nov. 2020.



CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia; AMANCIO, Thiago. Brasil Regista 1 caso de agressão contra mulher a cada 4 minutos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 set. 2019, cotidiano, p.1.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Franz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do eu**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1921/1976. (Vol. XV).

_____ **A interpretação dos Sonhos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1900/1976. (Vol. IV).

_____ **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de 5 anos e outros textos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1906-1908/1976 (Vol. IX).

_____ **O Ego e o ID e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Original publicado em 1925/1976 (Vol. XIX).

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus**,



Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado em letras) - Faculdade de Letras de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Psicanálise E Universidade: Perspectivas. **Psicol. USP**, São Paulo. vol.12, n.2 p.147-159, ago/out. 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Esquecer o passado? *In*: DOTTO, Karen Meira; ENDO, Paulo Cesar; SPOSITO, Sandra Elena *et al.* (org.). Psicologia, violência e direitos humanos. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 2011. p. 238-247.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo.** 3. ed. São Paulo: Editora Claridade LTDA. 2015.

HERRMANN, Fabio. Introdução à teoria dos Campos. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 2001.

HOOKS. Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.

JESUS, Maria Carolina de. Quartos de Despejo, diários de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2019.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v.12, n.2. jun/nov. 2013.

LACAN, Jacques. **O seminário. Livro 14: La lógica del fantasma.** Argentina: Versión Escuela Freudiana de la Argentina. 1966-1967.



_____ Função e Campo da Fala e da Linguagem. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 238- 324. 1953/1998.

LAPLANCHE, Jean. *Novos Fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____ Vocabulário da psicanálise. *In: Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 707-707.

LEMOS, Rosalia De Oliveira. Os feminismos negros: a reação aos sistemas de opressões. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 16, n. 185, p. 12-25, out. 2016.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. Crossing Press, 2007.

MARZAGÃO, Lucio Roberto. RIBEIRO, Paulo de Carvalho. BELO, Fabio Roberto Rodrigues. **Psicanálise e literatura: Seis contos da era de Freud**. São Paulo: KRB. 2012.

MENDES, Lessa Batista Vieira. ANÁLISE DO DISCURSO DE VIOLÊNCIA: mulheres negras e a interseccionalidade. *In: ENCONTRO NORTE MINEIRO DE SERVIÇO SOCIAL*. 2.,2020, Montes Claros. **Anais [...]** Montes Claros: Revista Serviço social em perspectiva. 2020. p.1-11.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense.1985.

MEZAN, Renato. **A vingança da Esfinge** São Paulo: Brasiliense.1988.

MORAES, Débora. **A relação entre leitor e texto literário: Uma abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro: Zagodoni. 2012.



MOURA DE QUADROS, Dênis. A escritora Carolina Maria de Jesus: Legitimando seu lugar na História da Literatura Brasileira. **Travessias**, Cascavel, v. 12, n. 1, p. 243-257, maio.2018.

NOGUEIRA, Isildinha Batista. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 13, n. 135, 1999.

OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. Mulheres negras letras e literatura: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. *In*: PERSPECTIVAS FEMINISTAS DE GÊNERO: DESAFIOS NO CAMPO DA MILITÂNCIA E DAS PRÁTICAS. 18, 2014, Recife, **Anais [...]** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014 p. 1586-1605.

PEIXOTO, Irirara Gomes. **Do reconhecimento á enunciação: é possível falar de feminino negro na Psicanálise?** 2017. Dissertação (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre,2017.

PEREIRA, Ana Alice da Silva. PROCHNO, Caio César Souza Camargo. Psicanálise e literatura: uma proposta de análise do conto Berenice. **Rev. Subj.** Fortaleza, vol.18, n.2 p. 1-12, maio/nov. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v.18. n.36, p.15-23. Jun, 2010.

PRESTES, Clélia RS; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Mulheres negras: resistência e resiliência ante os efeitos psicossociais do racismo. **Pambazuka News**, n.63, p.1-5, nov. 2013.



RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR-Revista Internacional dos Direitos Humanos**. São Paulo, v.13, n.24, p.99-104. 2016.

RODRIGUES, Geisi Mara; MARTINEZ, Viviana Velasco. A narrativa testemunhal e o enredamento do traumático no psiquismo. **Rev.latinoam.psicopatol.fundam**, v. 17, n. 4, p. 858-871, 2014.

ROSA, Miriam Debieux. **et al.** A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Rev.latinoam.psicopatol.fundam**. v.12, n.3, p.497-511, ago/set. 2008.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos; OLIVEIRA, Eduardo. Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Rev. Estud. Fem.**, v.26, n.1, jan. 2018.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Tânia Maria Gomes; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. Exclusão e violência social na perspectiva da escritora Carolina Maria de Jesus: mulher negra, favelada e mãe solteira. **Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 23, n. 2, p. 309-326, jul/dez, 2018.

SILVA, Caio Teixeira da. **Literatura negra: análise do conceito de escrevivência a partir do livro Quarto de despejo–diário de uma favelada. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Humanidades)** Instituto de Humanidade e letras, **Unilab**, São Francisco do Conde, 2018.



SILVESTRE, Nathercia. Carolina de Jesus: a beleza de ser “diferente. **BALEIA NA REDE**, v.1, n.3. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1808-8473.2006.v1n3.1367>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p.1-33, jan/abr.2020.

TODOROV, Tezvetan. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.2006.

